

| | | | | | |
|---|----------------------------|-------------------------|-------------|------------------------------|-----------------------|
| Tema: Sector Vitivinícola | | Área: 266829 mm2 | | Âmbito: Nacional | Tiragem: 77476 |
| Título: Produção de vinho em Portugal com quebras de 20 a 25 por cento | | | | Temática: Generalista | GRP: 4.4 |
| 2007/08/27 | PUBLICO - PRINCIPAL | Pág.1 | Imagem: 1/4 | Periodicidade: Diaria | Inv.: 21572.00 |

Produção de vinho em Portugal com quebras de 20 a 25 por cento

Recuo pode ajudar a subir os preços embora não se espere maior qualidade

● As fortes chuvas da Primavera e início do Verão prejudicaram a floração e provocaram surtos de míldio e oídio nas vinhas, o que vai levar a uma quebra na produção. A redução deverá ser mesmo superior aos 10 por cento esti-

mados pelo Instituto Nacional de Estatística, prevendo o Instituto da Vinha do Vinho (IVV) uma quebra de 20 a 25 por cento relativamente à campanha de 2006-2007. Assim, a produção deste ano deverá situar-se entre cerca de

5,65 e 6 milhões de hectolitros. A maior quebra deverá ocorrer nas Beiras, em particular na Beira Interior, onde se espera uma diminuição da ordem dos 50 por cento. Nas regiões vitivinícolas do Minho e de Trás-os-Montes também se

esperam reduções acentuadas, da ordem dos 26 a 32 por cento. Este valor, explica o IVV, pode ser influenciado pelo que vier a acontecer no Douro, com uma quebra prevista de 18 por cento. → Destaque, 2 a 4

| | | | | | | | |
|--|--|---------------------|--|-----------------------|-------------|-----------------------|--|
| Tema: Sector Vitivinícola | | | | Âmbito: Nacional | | Tiragem: 77476 | |
| Título: Produção de vinho em Portugal com quebras de 20 a 25 por cento | | | | Temática: Generalista | | GRP: 4.4 | |
| 2007/08/27 | | PUBLICO - PRINCIPAL | | Pág.2 | Imagem: 2/4 | Periodicidade: Diária | |

Vindimas Campanha de 2007 arranca dentro de dias

Produção de vinho com quebras entre 20 e 25 por cento

Colheita deve situar-se entre os 5,65 e os 6 milhões de hectolitros. Os preços devem subir, apesar de não se esperar um ano de grande qualidade

Pedro Garcias

Portugal vai começar a ressumar a mosto, cumprindo o seu desígnio de país vinhateiro. Já há alguns produtores a colher uvas, mas as vindimas só deverão arrancar a sério na segunda semana de Setembro. A maturação dos frutos está atrasada em quase 15 dias e ninguém sabe o que ainda está para vir.

As elevadas precipitações durante a Primavera e início do Verão prejudicaram a floração e provocaram surtos de mildio e oídio nas vinhas, o que vai levar a uma quebra na produção. A redução deverá ser mesmo superior aos 10 por cento estimados pelo Instituto Nacional de Estatística. As últimas previsões do Instituto da Vinha do Vinho (IVV) apontam para uma quebra de 20 a 25% relativamente

te à campanha de 2006-2007. Assim, a produção deste ano deverá situar-se entre cerca de 5,65 e 6 milhões de hectolitros. Em relação à média das últimas três campanhas, a quebra deverá ser um pouco inferior (ver gráfico na página seguinte).

A maior quebra deverá ocorrer nas Beiras, em particular na Beira Interior, onde se espera uma diminuição da ordem dos 50 por cento. Nas regiões vitivinícolas do Minho e de Trás-os-Montes também se esperam reduções acentuadas, da ordem dos 26 a 32 por cento. Este valor, explica o IVV, pode ser influenciado pelo que vier a acontecer no Douro, onde é esperada uma diminuição na colheita de 18 por cento. Em contrapartida, a produção autorizada de vinho do Porto é de 125 mil pipas de vinho do Porto, mais 1500 pipas de 550 litros do que na vindima de 2006.

No Sul, a situação é menos má, em particular no Algarve e no Ribatejo, onde as quebras serão mínimas. Na Estremadura e no Alentejo, a produção deverá baixar entre 18 a 25 por cento. As ilhas deverão ser pouco afectadas, com reduções estimadas de 5 a 7,5 por cento.

Dúvidas sobre qualidade

As expectativas em relação à qualidade também não são as melhores, embora as opiniões diverjam. O produtor e enólogo Dirk Niepoort, por exemplo, acredita que, apesar das doenças que afectaram as vinhas, "o ano promete". "O mildio e o oídio não afectam a qualidade total das vinhas. Por outro lado, os solos têm mais água e as temperaturas têm estado amenas, o que permitirá fazer vinhos mais equilibrados em termos de acidez e de álcool", diz.

O crítico de vinhos João Paulo Martins não é tão optimista. Acha que a vindima deste ano ainda "é uma incógnita", mas está convencido de que a qualidade dos vinhos, em geral, "será fraca". "O ano não correu bem e são de esperar mostos muito desequilibrados. No caso dos brancos, as temperaturas amenas permitiram uma maturação prolongada e suave e é possível que haja bons vinhos, sobretudo no Alentejo. Já nos tintos é mais difícil. Os tintos precisavam de mais calor", realça.

Acresce que, devido à instabilidade climática, este ano exigia um grande investimento na protecção

Maiores quebras devem ocorrer nas Beiras, em particular na Beira Interior



das vinhas, sobretudo contra os ataques do mildio e do oídio. Só que, face aos preços a que têm sido pagas as uvas nos últimos anos, muitos lavradores não estavam em condições financeiras de fazer esse esforço. É por isso que João Paulo Martins prevê um "ano dramático para as cooperativas". "Vai entrar muita coisa estragada", antevê.

Preços podem subir

Na conjuntura actual, o que preocupa mesmo é uma eventual má qualidade geral dos mostos, já que o decréscimo de produção até pode ser uma bênção para o sector. Porque permite reduzir os stocks existentes em muitas empresas e cooperativas, aumentar o preço das uvas juntos dos produtores e sustentar "o escândalo dos preços baixíssimos a que se estão a vender os vinhos", sobretudo os das gamas inferiores, como sublinha Dirk Niepoort.

Um cenário de crise que afecta os empresários do sector e, acima de tudo, os lavradores, muitos dos

quais têm vendido as uvas a preços que não chegam sequer para pagar os custos da vindima. Muitas adegas cooperativas, sobretudo grande parte das do Douro, passaram de protectoras a pesadelo dos próprios sócios, pagando mal e a más horas. Mas as grandes empresas e os intermediários que no início desta década começaram a atrair os produtores com melhores preços também têm vindo

mava ser mais generosa, pouco mais pagou a muitos lavradores.

A situação estende-se um pouco a todo o país. No Alentejo, por exemplo, já lá vai o tempo em que se pagava um euro e meio pelo quilo de uvas. As grandes empresas têm vindo a aumentar as suas áreas de vinhas, tornando-se menos dependentes da lavoura. Por outro lado, para manterem os preços baixos, jogam com a insegurança dos produtores, não se comprometendo com preços nem com datas de pagamento.

A poucos dias da vindima, só poucos produtores sabem quanto vão receber pelas uvas. As grandes empresas adiam até ao limite as suas decisões para evitarem uma escalada nos preços. Com o passar dos anos, o mais certo é que todos venham a perder com esta forma de negociar. Porque não é possível esperar que um produtor trate devidamente a sua vinha se sabe que, no final do ano, vai ter prejuízo. Como, de resto, aconteceu neste ano difícil. E sem uvas não se fazem bons vinhos.

O exemplo de Paul

O drama dos preços na óptica de um produtor



O grupo Symington, o maior produtor e exportador de vinho do

Porto, trabalha com cerca de mil viticultores. Um deles é o próprio presidente do grupo, Paul Symington. Como todos os membros da família Symington, também Paul comprou uma quinta no Douro. As uvas e o direito de produzir vinho do Porto, o chamado benefício, vendeu-os ao grupo a que preside, que os pagou ao mesmo preço que paga aos produtores com quem trabalha. Quando foi fazer as contas, Paul constatou que o que recebeu do seu próprio grupo não chegou para pagar o granjeio das suas vinhas. Foi o próprio Paul Symington que contou a sua experiência de produtor ao crítico de vinhos João Paulo Martins. Claro que o Paul Symington presidente do grupo não quereria explorar o Paul Symington produtor. Mas o caso espelha bem as dificuldades que os produtores durienses atravessam actualmente.



A subida dos preços agrada a Dirk Niepoort, que considera os valores actuais das gamas baixas "um escândalo"

a pagar cada vez pior as uvas, approfundando a crise. Na última vindima, grupos como o espanhol Sogevinus, que controla firmas exportadoras de vinho do Porto como a Calém, a Barros e a Kopke, chegaram a pagar os 750 quilos de uvas, correspondentes a uma pipa de vinho, a menos de 100 euros. E mesmo a Sogrape, que costu-

| | | | | | |
|--|---------------------|-------|-----------------------|-----------------------|----------------|
| Tema: Sector Vitivinícola | | | Ámbito: Nacional | | Tiragem: 77476 |
| Título: Produção de vinho em Portugal com quebras de 20 a 25 por cento | | | Temática: Generalista | | GRP: 4.4 |
| 2007/08/27 | PUBLICO - PRINCIPAL | Pág.3 | Imagem: 3/4 | Periodicidade: Diária | |



A produção nas regiões tradicionais

Instabilidade do clima provoca quebras generalizadas nas principais demarcações

Douro

Na região do Douro, devido às chuvas tardias de Maio e Junho, em conjunto com o oídio e o míldio, verificou-se a destruição de algumas vinhas e um atraso no processo de maturação da uva. A produção média anual é de 277 mil pipas, mas este ano prevê-se uma diminuição para as 236 mil pipas, uma quebra na ordem dos dez por cento. No entanto, a produção do vinho do Porto não será afectada. No que concerne à qualidade, Jorge Monteiro, presidente do Instituto de Vinhos do Douro de Portugal, garante que "difícilmente será um grande ano, mas não se poderão fazer previsões seguras antes do início das vindimas". Os preços não deverão sofrer alterações devido à diminuição da produção.

Alentejo

No Alentejo, a quebra da produção rondará os 22 por cento em relação ao ano anterior, porque no início as uvas não se desenvolveram como previsto e, posteriormente, o míldio afectou as vinhas. Segundo Joaquim Madeira, presidente da Comissão Vitivinícola Regional do Alentejo, "a qualidade estará dentro dos parâmetros normais, que são considerados excelentes e, como ainda há stocks de vinho nas adegas e nos produtores, o preço não será afectado".

Verdes

Os vinhos brancos registarão, em princípio, uma quebra na ordem dos 30 por cento em relação ao ano passado devido às chuvas na altura da floração e ao ataque do míldio. Se a produção cair abaixo dos 30 por cento pode ter efeitos preocupantes ao nível dos stocks. Em relação à qualidade, se o tempo continuar seco será um bom ano, mas não se poderá dizer que a qualidade é excepcional.

Já há cinco anos consecutivos que se verifica um aumento das vendas e isso faz com que não haja muito vinho branco em stock, diz Manuel Pinheiro, presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Bairrada

A região da Bairrada apresentará uma diminuição da produção de cerca de 20 a 30 por cento. Nos últimos anos a média tem sido de 38 mil hectolitros mas este ano o valor vai ser inferior. José Pedro Corte-Real, secretário-geral da Comissão Vitivinícola Regional da Bairrada, relembrou que "se as temperaturas se mantiverem como nos últimos dias espera-se uma boa maturação e uma colheita de bastante qualidade, que poderá ser melhor que a do ano passado". Devido à produção excedentária de vinhos em Portugal não se prevê, com esta quebra, um aumento dos preços. No entanto, se a qualidade da colheita for realmente boa, os preços poderão sofrer alterações.

Dão

Os vinhos do Dão esperam uma quebra de 40 por cento na produção. As chuvas de Maio e Junho, assim como o míldio e o oídio, prejudicaram muito a saúde das vinhas. Em média, produziam-se cerca de cinco milhões de litros e segundo Calisto Mouta, vogal da Comissão Vitivinícola Regional do Dão, "este ano o valor será bastante inferior". Se o tempo se mantiver ameno nos próximos dias o vinho será de qualidade.

Ribatejo

Nesta região, a diminuição da produção estará entre os cinco e os dez por cento, devido ao intenso calor na primeira semana de Agosto e ao ataque do míldio. João Silvestre, secretário-geral da Comissão Vitivinícola Regional do Ribatejo, assegurou que "a qualidade será igual ou superior à do ano passado porque as últimas temperaturas registadas, na ordem dos 25/30°C, têm ajudado a maturação da uva". Se as condições climáticas se mantiverem a qualidade será excelente. As vindimas do vinho branco tiveram início no passado dia 20, enquanto as do tinto começaram dia 3 de Setembro. A quebra na produção não é significativa para provocar alteração nos preços.

Catarina Sousa

Novas vinhas compensam saídas do sector

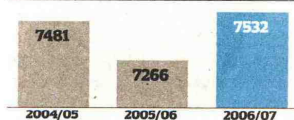
Produção tende a estabilizar

● Graças aos apoios do programa Vitis, a paisagem vitícola nacional está a mudar, com plantações novas a surgirem um pouco por todo o lado e cada vez mais vinhas velhas a serem reestruturadas. Muitas das novas vinhas estão agora a entrar em produção, mas não é de esperar que nos anos mais próximos a quantidade de vinho venha a aumentar de forma

substantial. A tendência dos últimos anos aponta para uma estabilização da produção nacional (ver gráfico). Por outro lado, a aposta na qualidade dos vinhos não é compatível com vinhas superprodutivas. E para muitos pequenos produtores a vinha tem vindo a tornar-se numa fonte de canseiras e de empobrecimento, pelo que é previsível, face à crise existente, que um elevado número de lavradores se deixe seduzir pelos apoios oferecidos pela União Europeia ao arranque de vinhas. O tempo é de ajustamento do sector às exigências e necessidades do mercado e actualmente Portugal produz mais do que seria necessário. Por isso é que a quebra prevista na produção deste ano não está a ser encarada como uma calamidade, mas sim como um mal que vem por bem.

As últimas campanhas

em milhares de hectolitros



FONTE: IVV

As expectativas da colheita

em milhares de hectolitros

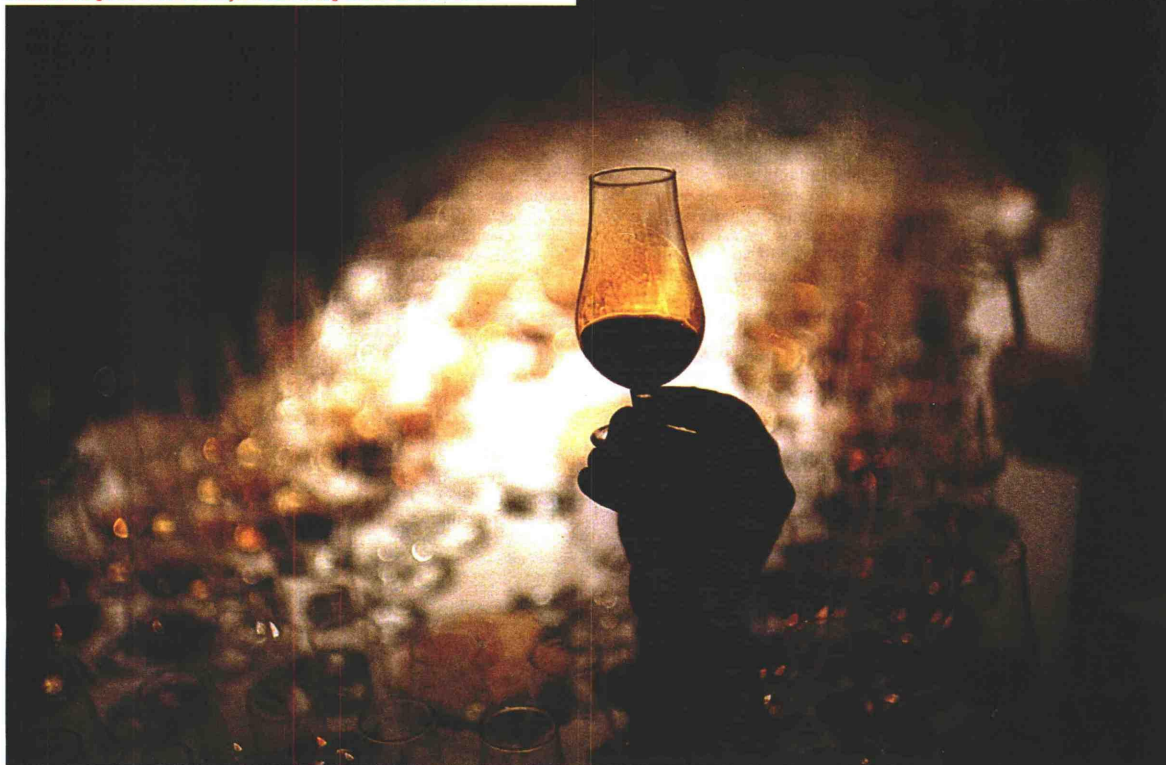
| Região | Campanha 06/07 | Previsão 07/08 | Variação% |
|----------------|----------------|----------------|-----------------|
| Minho | 938 | 657 | -30 |
| Douro | 1716 | 1407 | -18 |
| Trás-os-Montes | 234 | 118 | -50 |
| Dão | 508 | 305 | -40 |
| Bairrada | 355 | 266 | entre -25 a -30 |
| Beiras | 465 | 326 | entre -25 a -30 |
| Ribatejo | 639 | 607 | entre -5 a -10 |
| Estremadura | 1199 | 960 | entre -20 |
| Terras do Sado | 429 | 365 | entre -15 |
| Alentejo | 959 | 719 | entre -25 e -30 |
| Algarve | 32 | 32 | = 0 |
| Madeira | 49 | 46 | -7,5 |
| Açores | 10 | 10 | = 0 |
| Total | 7532 | 5817 | -23 |

FONTE: IVV

| | | | | | |
|---|----------------------------|-------|------------------------------|------------------------------|-----------------------|
| Tema: Sector Vitivinícola | | | Ámbito: Nacional | | Tiragem: 77476 |
| Título: Produção de vinho em Portugal com quebras de 20 a 25 por cento | | | Temática: Generalista | | GRP: 4.4 |
| 2007/08/27 | PUBLICO - PRINCIPAL | Pág.4 | Imagem: 4/4 | Periodicidade: Diária | |

Vindimas Campanha de 2007 arranca dentro de dias

Número de prémios e distinções não tem parado de aumentar



LUIS RAMOS/ARQUIVO

Vinhos portugueses conquistam distinção da crítica internacional

O principal guru do vinho, Robert Parker, destacou um colaborador para acompanhar o vinho português e as revistas publicam artigos laudatórios

● A notoriedade internacional dos vinhos portugueses nunca foi tão boa como hoje. Os artigos laudatórios sucedem-se nas principais revistas e jornais internacionais, o principal guru do vinho, Robert Parker, destacou um colaborador, Mark Squires, para acompanhar o vinho português, o próprio Parker tem vindo a classificar cada vez mais vinhos portugueses com pontuações acima dos 90 pontos e o número de prémios obtidos pelos vinhos nacionais em concurso e provas internacionais não pára de aumentar.

O maior reconhecimento aconteceu no último International Wine Challenge (IWC), realizado em Maio, em Londres. O IWC é a mais importante prova (cega) de vinhos do mundo. Em concurso estiveram 9358 vinhos de 35 países e Portugal foi o terceiro país mais medalhado, atrás da França e Austrália. O crítico inglês Charles Metcalfe, um dos elementos do júri, sublinhou a enorme evolução da qualidade dos vinhos portugueses, atribuindo a mudança a "uma nova geração de produtores".

A principal "força motriz" dessa mudança "tem sido o Douro [em particular os chamados "Douro boys"], logo seguido do Alentejo", sublinha Dora Simões, directora-geral da Viníportugal, associação interprofissional

para a promoção dos vinhos portugueses. Mas produtores como Luís Pato (Bairrada) e Álvaro de Castro (Dão) e empresas como a Dão Sul, só para citarmos alguns exemplos, também têm contribuído bastante para a melhoria da qualidade e da imagem externa do vinho português. Sobre tudo nos mercados anglo-saxónicos, onde as opiniões positivas raiam a "euforia", segundo Dirk Niepoort, um dos "Douro boys".

As exportações para esses mercados e outros onde a base é mais pequena mas que possuem um enorme potencial, como são os casos do Brasil e de Angola, têm vindo a aumentar de forma significativa. A região dos vinhos verdes é uma das mais bem sucedidas. Nos últimos cinco anos tem vindo a bater recordes sucessivos de vendas. No ano passado, em que foram vendidos 70 milhões de litros, as exportações ultrapassaram pela primeira vez a barreira dos 10 milhões de litros, mais um milhão do que em 2005.

Com o mercado nacional em crise - o preço médio do vinho tem vindo a baixar e as vendas na restauração também -, são as exportações que têm equilibrado as contas do sector. Isto apesar de o valor das expedições estar mais ou menos estabilizado desde 2003. No ano passado, as exporta-

Em alta no Brasil

Os brasileiros bebem cada vez mais vinhos portugueses. Em 2006, Portugal exportou para o Brasil 5,86 milhões de litros de vinho (18,84 milhões de dólares), que corresponde a um aumento de 29,87% em valor e a 17,18% em volume face ao ano de 2005. No primeiro semestre deste ano, as vendas cresceram 34% em valor e 21% em volume no primeiro semestre de 2007. Portugal é já o terceiro fornecedor, à frente da Itália e logo a seguir à Argentina e ao Chile, que tem vindo a consolidar a sua liderança - o ano passado, as exportações de vinho chileno cresceram 44,18 por cento em valor.



ções de vinhos renderam a Portugal 531,5 milhões de euros e nos primeiros cinco meses deste ano registou-se um aumento de 1,1 por cento. A má notícia é que as importações de vinhos também aumentaram nos primeiros cinco meses do ano (17,1 milhões de euros contra os 14.860 em igual período do ano passado), contrariando a tendência verificada em 2006. Em 2005, as importações de vinho atingiram os 64,2 milhões de euros e no ano passado baixaram para 49,8 milhões de euros.

Com o mercado interno ainda bem protegido, o grande desafio passa agora pelo aumento de quota nos países que ditam as tendências do vinho - Estados Unidos e Inglaterra - e pela conquista de novos mercados, sobretudo na Ásia. Mas, para isso, "é necessário continuar a apostar na qualidade, fazer vinhos consistentes e criar marcas mais fortes", defende Dirk Niepoort. "Somos um país com um enorme potencial, mas ainda estamos muito aquém do que podemos fazer. Temos que continuar a produzir vinhos de garagem e, em paralelo, também vinhos de grande volume com um preço razoável. Vinhos com uma personalidade vinculada, baseados nas castas nacionais, cuja grande diversidade é a nossa mais-valia", sustenta. P.G.

Empresas

A investida de Joe Berardo foi o negócio mais espectacular

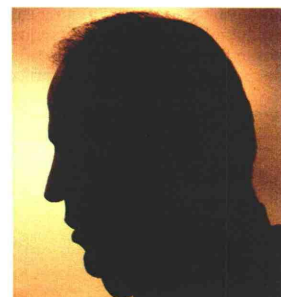
● A entrada do grupo espanhol Sogevinus no negócio do vinho do Porto, primeiro com a compra da Calém, depois da Burmester e mais recentemente da Barros e Almeida e da Kopke, veio abanar o sector. A compra posterior das propriedades da Cockburns pelo grupo Symington foi a resposta que se seguiu, aumentando a concentração num sector que esteve durante muito tempo pulverizado.

Estes não foram os únicos negócios relevantes que se fizeram nos últimos anos, mas foram os que mais influenciaram a actual correlação de forças existentes no sector do vinho do Porto. No entanto, o negócio mais espectacular foi a compra de 31,5 por cento da Sogrape por Joe Berardo. Fê-lo através da aquisição da sociedade Bernardino Carmo & Filhos, empresa que detinha, juntamente com a família Guedes, a Carmo & Silva SGPS, Lda, a holding que controla a Sogrape.

Berardo é visto pela família Guedes como um parceiro hostil - as relações azedaram ao ponto de alguns diferentes estarem a ser dirimidos em tribunal -, mas o empresário elogia a forma como o grupo tem vindo a ser gerido. Mais do que ter um papel activo na gestão da Sogrape, o que interessa a Berardo é que o grupo continue a gerar lucros. Porque a sua estratégia é bastante mais ousada e passa por concentrar todos os seus investimentos ligados ao vinho num grande grupo internacional para cotação em bolsa. "É para isso que estou a trabalhar desde o início", disse ao PÚBLICO.

Para lá da Sogrape, Berardo comprou recentemente as Caves Aliança, em 1995 já tinha adquirido a JP Vinhos, mais tarde comprou a Quinta da Bacalhã, criou depois uma parceria com o grupo francês Rothschild na Quinta do Carmo e já mostrou interesse na compra das quase 40 mil pipas que a Casa do Douro possui.

Mas o seu *portfolio* é muito mais vasto. Entre outros investimentos, Berardo é o segundo maior accionista da Bodegas y Bebidas, a maior empresa do sector na Europa, detentora de 11 vinícolas em Espanha, é também um dos maiores produtores de vinho do Canadá e comprou recentemente uma empresa na Austrália que detém uma distribuidora nos EUA. P.G.



Berardo é tido por parceiro hostil